

## APARIÇÃO DA POESIA

(fragmentos do romance *Sinais de fogo*)

Fiquei só, como de repente quisera. E fui andando até ao varandim, uma série de escadas e patins ornamentais, pelos quais se podia passar do lado do rio para o lado da praia, junto à foz, no extremo da cidade. Num recanto um casal despegou-se e ele traçou a perna. Era gente modesta, empregados, ele e ela. Eu passei para outra plataforma, e uma esquina de um rochedo encobriu-os. Encostei-me na balastrada de cimento, que imitava troncos de árvore. O sol já se pusera, e só uma mancha avermelhada marcava ainda o lugar onde ele descera. O mar estanhava-se palidamente, aqui e ali sombreado. A praia alongava-se vazia até ao cabo, e os barcos lá longe eram empurrados para a água por grupinhos de formigas. O farol dardejava compassadamente sem que o seu foco já se distinguisse. Vagos e dispersos gritos, que chamavam, vinham flutuando pelo ar que, à beira de água e do lado do rio, parecia adensar-se numa névoa transparente, que vibrava. Em baixo, as rochas eram verdes, com charcos pardos por entre elas.

Acendi um cigarro. Onde iria jantar? Não me apetecia comer. Apetecia-me fugir. Para onde e porquê? E, de repente, ouvi dentro da minha cabeça uma frase: «Sinais de fogo as almas se despedem, tranquilas e caladas, destas cinzas frias». Olhei em volta. De onde viera aquilo? Quem me dissera aquilo? Que sentido tinha aquela frase? Tentei repeti-la para mim mesmo: Sinais de fogo... Mas esquecera-me do resto. Com esforço, reconstituía a sequência: Sinais de fogo os homens se despedem, exaustos e espantados, quando a noite da morte desce fria sobre o mar. Não tinha sido aquilo. Não era aquilo. E que significava? Seriam versos? Repeti mentalmente: «Sinais de cinza os homens se despedem, lançando ao mar os barcos desta vida». Novamente as palavras eram outras, ou quase as mesmas mas diversamente.

Tirei um papel do bolso, e escrevi: «Sinais de fogo os homens se despedem, lançando ao mar os barcos desta vida». Reli o que escrevera. E depois? Olhei o mar que escurecia, com manchas claras que ondulavam largas. Os barcos iam pelo mar fora, e nalguns havia lanternas acesas. «Nas vastas águas...» Nas vastas águas... Era absurdo. Eu fazendo versos? Porquê? Amarrotei o papel e deitei-o fora. Mal amarrotado, ele foi descendo num voo balanceante, até que pousou numa rocha. Aí, vacilou, aquietou-se, e, numa reviravolta súbita, deixou-se cair para o meio das pedras e sumiu. Era quase noite escura. Voltei para a cidade.

(DO CAP. X)

Encostado aos pés da cama, suspirei de alívio. Eu precisava de estar só, absolutamente só, para pensar. Em quê? Em nada. Outra vez o quarto me pareceu estranho, não só como se eu não tivesse vivido nele muitos anos, mas ainda como se tudo o que nele havia, e eram as pequenas coisas acumuladas ao longo da minha vida, apenas fosse o rebotalho de um sótão ou de um quarto de arrumações, quando as pessoas se mudam e deixam ficar um lixo de cadeiras partidas, malas esventradas, trapos, papéis rasgados, a que nenhuma recordação está presa, e que nenhuma curiosidade dignifica. Fui até à janela, cujas portadas abri. Levantando as cortinas, olhei o prédio fronteiro cujos azulejos branco-amarelados brilhavam ao sol como uma praia vertical que o céu azul lambesse. Senti uma tontura agoniada que me fez encostar a cabeça à vidraça; e, no mesmo momento, ouvi uma voz silenciosa que estrondosamente me ciciava uma qualquer coisa que eu já ouvira. Não eram palavras, mas eu ouvia como se fossem. Era uma espécie de batimento cadenciado em que sons se sucediam abstractos, análogos e diversos, como espectros de palavras. Por vezes o batimento formava-se de sons que se prolongavam, outras vezes havia suspensões súbitas, em que ficava flutuando apenas a memória das cadências sonoras, inaudíveis, sem sentido. Nessas ocasiões, a agonia aumentava, num vago tremor que se tornava ansioso, expectante, como que suplicando que aquilo não parasse. Dir-se-ia que, daquela continuidade ininteligível, dependia não só a existência mas o valor de tudo. Um tudo que não eram as coisas, nem as memórias, nem os sentimentos, nem as culpas, nem as amarguras, nem a vida, nem a morte, nem o mundo, nem o amor, nem a saudade, nem a frustração de tudo ter sido ou não sido;

que não era também as ideias das coisas, ou a noção de memória com que a memória se reconhece, ou a imagem mental dos sentimentos ou das culpas ou das amarguras, nem era a sensação de estar vivo ou de ter visto ou ter sentido a morte, nem era a ideia de saudade ou de perdas não-coisas. Um tudo que, sendo nada, era ele mesmo o valor de que tudo dependia. Pouco a pouco, como precipitados que, tomando cor e fluida forma, vão pousando sólidos no fundo de um tubo de ensaio (ou, inversamente como ondulantes formas de peixes que se destacam da sombra das águas, para, à superfície, brilharem em velozes mas nítidos lampejos de escamas de que o brilho se propaga à água que elas roçam), os sons abstractos e o batimento começaram a possuir solidez, opacidade, arestas, enquanto a silenciosa voz ia regredindo para um limbo tranquilo. Na concreção que se formava, a ansiedade tornava-se mais febril, mais exigente, mais confiada de si mesma, e era como se eu, não sabendo de mim, não desejando nada, não pensando em nada, nunca me tivesse sentido tão duramente lúcido. Foi quando li palavras que não sentira ter escrito, num papel que não sabia ter procurado. «Sinais de fogo, os homens se despedem, / exaustos e tranquilos, destas cinzas frias, / lançando ao mar os barcos de outra vida.» Fiquei olhando para o papel em que as linhas ondulavam de precipitadamente escritas. Mas não me demorava a lê-las, na intenção de compreendê-las. Para mim eram perfeitamente compreensíveis, independentemente do que diziam. O que naquilo havia de estranho era que a compreensão que eu podia ter delas, se não dependia estritamente de elas serem claras e lógicas, igualmente não dependia do que eu compreendia nelas, porque tudo ao que elas aludiam aparecia transformado por outro sistema de relações, situado não no plano da memória ou da fantasia sobre a memória, ou no de a memória ser suprimida, mas num outro de que a memória, ou o que dela fosse aceite ou negado, era apenas um elemento que contribuía para o que ali estava escrito. No entanto, era como se tudo aquilo a que as palavras aludiam estivesse estritamente contido nelas, ao mesmo tempo que, por um paradoxo que devia ser do sistema diverso de relações, essas palavras eram menos que isso e estavam, elas mesmas, contidas no que as continha, sem que, todavia, as duas áreas coincidissem: cada uma delas, contida na outra, não deixava de ser maior e mais extensa do que a outra.

Aquilo eram versos, e aproximadamente os mesmos que antes me haviam aparecido, embora, sem recordar os de então, me parecesse que não eram exactamente os mesmos. De qualquer modo, e isso gelou-me

de terror, coisas tinham acontecido depois, e aquelas sequências de palavras (porque eram três sequências que se justapunham), ainda que ligeiramente modificadas (se acaso o estavam), não podiam pretender significar o que significariam antes. E, portanto, ou era adivinho, ou havia entre acontecimentos uma correlação inescapável que podia ser adivinhada, ou aquilo visava a dar sentido ao que o não tinha, ou era, pura e simplesmente, um «flatus vocis», feito de palavras e de sentimentos, que os factos, por mero acaso, haviam soldado juntos, e que persistiam em flutuar na memória verbal, sempre que ela se esvaziasse por qualquer causa. Mas por que razão qualquer destas hipóteses devia acontecer daquele modo, em linhas sucessivas a que se chama versos? E, se eu não sabia nada de versos, nem particularmente apreciava «poesia», porque haviam eles de acontecer-me a mim? Ter escrito aquilo não me dava satisfação alguma. Pelo contrário, despertava-me uma sensação de perplexidade, como se uma nova responsabilidade, que eu não solicitara a mim mesmo, estivesse a formar-se na minha consciência: a de escrever quando sentisse aquela expectativa ansiosa a brotar de um vazio, e a de supor ou forçar a suposição de que aquilo significava alguma coisa para mim ou para os outros.

(DO CAP. XXXVII)

A esquina precipitava-se numa curva de inclinada hélice para uma rua larga e sombria, ao fundo da qual passaram amareladamente as luzes de um carro eléctrico carregado de gente. Chegado lá em baixo, fiquei perplexo noutra esquina, sem conseguir coordenar ideias ou uma decisão. A luz de um candeeiro fez-me lembrar que também eu estaria numa boa figura, e estava: a camisa fora das calças, o botão do colarinho rebentado, o que era o menos, e um rasgão no peito dela. Entalei a camisa, tentei apertar o casaco mas o botão faltava, apertei-o com um dos botões inabituais. Sentia a nuca dolorida, e ainda os dedos dele no pescoço. Mas uma enorme paz me invadia, tão grande, que tive de focar os olhos para a claridade com que ela acrescentava a iluminação da rua. Procurei no bolso o papel que não encontrei. Queria escrever, tinha de escrever. Mas, ao enfiar a mão no bolso da caneta, senti humidade. Estava quebrada, e os dedos voltaram-me cheios de tinta. Nada tinha importância: rasgado, sujo de tinta, eu tinha de arranjar com que escrever. Encontrei um lápis. E na carteira encontrei enfim um papel. Enquanto não escrevesse, não sabia que escrever, e portanto não

podia escrever apenas mentalmente. Dando voltas ao papel que se me furava contra a carteira, escrevi:

*Sinais de fogo, os homens se despedem,  
exaustos e tranquilos, destas cinzas frias.  
E o vento que essas cinzas nos dispersa  
não é de nós, mas é quem reacende  
outros sinais ardendo na distância,  
um breve instante, gestos e palavras,  
ansiosas brasas que se apagam logo.*

Parei relendo o que escrevera. Faltava qualquer coisa. O que faltava? Não conseguia lembrar-me. Vi então um papel flutuando entre duas águas, vi águas tremulantes de reflexos, e vi uns barcos que deslizavam sobre elas. Os barcos de outra vida. Que outra vida? Que barcos? Não faziam sentido os barcos ali, e agora. Eu suprimira os barcos do sentido completo do que escrevera, embora, relendo mais uma vez, um qualquer claro sentido me escapasse. Guardei o papel no bolso, um táxi passou, chamei-o. No táxi, cujo «chauffeur» me fitou desconfiadamente quando parou perto de mim, recostei-me num repouso embaçado. «Eu não gostava dela. Eu gosto dela.» Não, não ia pensar mais naquilo. Para quê?

(DO CAP. XXXVIII)

A massa branca do Mosteiro dos Jerónimos fez-me pensar que eu nunca vira por dentro a Torre de Belém, apenas entrevista por trás de montes de carvão e misturada com gasómetros, quando se passava no comboio do Estoril. Eu nem sabia como se chegava lá, aonde se descia do eléctrico. Fui perguntar ao condutor. Ele e o guarda-freio discutiram o caso. Nenhum deles tinha a certeza, mas ambos concordaram em que o caminho para lá devia ser o mesmo que para o Forte. O melhor era eu descer no Largo da Princesa. Eu não sabia onde era? Um largo ao lado do carro eléctrico, com um chafariz, logo ali adiante? Eles indicavam-me. Voltei a sentar-me. Uma das pessoas já sentadas dobrou-se para trás no seu banco: era à Torre que eu queria ir? Havia lá um guarda, ele até o conhecia, que morava perto. Mas o homem, coitado, cansava-se de estar a tomar conta de uma coisa onde ninguém ia, e onde se gelava de frio mesmo no pino do Verão, e nem sempre lá